



IULIA ROJANSKI

# AMORES

enterrados no jardim





IULIA ROJANSKI

# AMORES

enterrados no jardim



Romance - 2025

1ª edição

Copyright © Editora O Zezeu, 2025.  
Amores enterrados no jardim © Lulih Rojanski, 2025.

**Editores**

Lulih Rojanski  
Silvio Carneiro

**Capa**

Estúdio RC Design

**Diagramação**

Estúdio RC Design

**Imagens de capa e ilustrações internas**

Banco de Imagens Relicário de Medeira ©

**Revisão**

Lulih Rojanski

**Administrativo e comercial**

Lulih Rojanski  
Silvio Carneiro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Rojanski, Lulih  
Amores enterrados no jardim / Lulih Rojanski. --  
1. ed. -- Macapá, AP : Editora O Zezeu, 2025.

ISBN 978-65-83350-16-9

1. Romance brasileiro I. Título.

25-247976

CDD-B869.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Romances : Literatura brasileira B869.3

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Todos os direitos reservados ao autor. É proibida a reprodução dos textos ou partes de textos publicados sem sua expressa autorização.

*Não quero ter a terrível limitação de  
quem vive apenas do que é passível  
de fazer sentido. Eu não: quero é uma  
verdade inventada.*

Clarice Lispector



Outubro de 2022



Quando um homem grita, ainda que esteja morto, sempre virá alguém em seu socorro. Ele deve ter gritado, para que viessem, enfim, desenterrá-lo. Depois de tanta espera, vieram escarafunchar seu túmulo, recolher seus restos, levá-los para a morada eterna dos homens de honra, um jazigo especial construído para ele. Estão cavando. Se ainda houver ossos, talvez possam examiná-los, em busca de “algum segredo”, disse um deles, olhando para meus seios com o cinismo dos hipócritas. Bem que os ossos poderiam estar intactos, para que eles pudessem cheirá-los, lambê-los e até roê-los.

Debaixo do pergolado das *bougainvilles* brancas nada mais brota, nada mais cresce além das ervas daninhas, dos cogumelos e de uma trepadeira fininha de flores roxas. A terra suga a água com mais sede que nos outros canteiros. Sob a terra encharcada, ele, que tanto foi, que tudo quis, que pouco amou, já apodreceu há muito tempo, mais que os bifés crus que esqueço sobre a pia, que o lixo orgânico da cozinha abandonado no cesto, que os cachorros de ninguém, atropelados no asfalto.

Será a minha hora de ir embora?

## AMORES enterrados no jardim

Já se passou tanto tempo desde a nossa despedida. Talvez eu tenha uma percepção diferente da sua, e para mim, este tempo incerto foi multiplicado por dois, como tivesse o mundo, a cada dia, girado duas vezes em torno de si. Foram tantas voltas que já não sei o que me aprisiona. Será esta terra?

E se eu não puder me levantar, ainda que no recolher dos ossos percebam o que fiz?

Você já pensou sobre o que verdadeiramente nos liberta, sobre o que nos torna livres até de nós mesmos? Será a morte? Mas até na morte um homem chama!

Se eu soubesse que logo morreria, não esperaria mais pelo momento oportuno de tomar a mala pronta e ir a você. Mas a morte parece sempre chegar tarde para quem a deseja. Quando a estação das chuvas passar, eu vou. Se eu fosse agora, quem cuidaria das rosas nos dias de temporal? Quem pouparia as espadas-de-são-jorge do excesso de água? Com que olhos eu olharia para você depois de um outubro tão postergado?

Há tanto tempo perdi a mim quando perdi seu amor, que não sei bem o que levarei na viagem para que você me reconheça. Vim deixando um pouquinho de vida nas coisas todas do percurso e agora me entendo com elas. E tudo à minha volta me entende, porque as coisas não humanas da natureza e as coisas que humanizei de tanto viver em torno compreendem minhas linguagens. A casa canta comigo no ranger das portas, no farfalhar das cortinas que recebem o vento do rio, no ruído do encontro da chuva com as telhas. A casa tem muitas vozes, mas quando não canta, vive o silêncio obrigatório dos dias em que o tempo se acomoda sobre a inércia das folhas mortas, com preguiça de passar.

E se você viesse? E se o dia fosse chuvoso e você se deparasse com minha figura triste plantada no mesmo canteiro das dálias? O que eu faria com a pá de jardineiro que não sai das minhas mãos? Como eu esconderia minhas pálpebras cansadas?

Descobri, no meio da galharia que se expande pelas paredes e sobre o telhado, outras folhas mágicas, folhas que ressuscitam recordações. Depois de um chá de romã, lembrei-me de uma menina de seis anos que estava morta em minha memória há mais de 40. Ela está sentada no assoalho e segura um bebê de dois anos entre as pernas esticadas. De suas narinas escorre uma secreção amarelada que ela não limpa porque tem medo de soltar o bebê. Se ele cair, vai chorar. Se ele chorar, ela vai ficar sem almoço. A mulher de nariz avermelhado e boca contraída que os ronda é a mãe dos dois. Traz nas mãos sua vassoura implacável e diz ter olhos nas costas.

Hoje é quarta-feira e não sou protegida por santo algum do calendário. Deus algum quer saber que esses retalhos dolorosos da minha história foram atirados de alguma direção incógnita para que me atingissem. Se tivessem chegado antes, talvez tivessem me ajudado a compreender a vida, me poupado de preencher as faltas, os vazios, as ausências com toda sorte de ilusões. Mas agora? Agora só me servem para me dar a certeza de que já vim me fragmentando desde o meu princípio.

E se diante de você me fugissem as palavras, e se as proparoxítonas saltassem do túnel da minha boca como signos tresloucados dançando no vazio? E se você pensasse que endoideci? E se ao ver seu rosto tão perto eu dissesse “crisálida, anêmona, bálsamo, bússola, átomo, lâmina...”?

Ontem, uma brisa mansa soprou ciscos em meus olhos e me levou de olhos molhados ao canteiro das flores

azuis, onde as abelhas circulavam junto com as borboletas, sob o sol filtrado pelos galhos. Foi ali, entre as pétalas do agapanto, que encontrei uma saudade sua, guardada para o instante em que eu afagasse a flor e aspirasse seu perfume do Nilo. Atravessei as folhagens regadas pelo amanhecer, os pés envoltos na erva rasteira, no frescor da terra úmida, e me escondi entre as ramagens das hortênsias, para que meus olhos pudessem escorrer sem testemunhas.

Eu já lhe disse que gosto das flores azuis?